

## HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: RESÍDUOS E DESAFIOS

*Ivia Alves (UFBA/CNPq)*

Os sentidos que estão histórico e culturalmente embutidos no título deste congresso, designado *travessias*, estão inteiramente coerentes com o momento em que se realiza esse encontro. Rejeitando o sentido de um caminho longo e ermo, prefiro atualizar a noção de travessia como um caminho percorrido, temporal e espacialmente, por uma embarcação em seu deslocamento entre dois pontos da superfície da terra.<sup>1</sup>

Para mim, o momento é, ainda, de travessia, de passagem, caminho, pois deixou-se um porto seguro (ou melhor, o constructo histórico-cultural discursivo da Modernidade) e se está navegando em águas não muito tranquilas para um outro porto, o qual ainda não está bem definido. Já existem várias rotas, várias indicações que se cruzam ou que se desenharam, mas não se sabe ainda onde se vai chegar/o que se vai alcançar.

Ainda vejo o embate entre esses dois discursos e a difícil tarefa do pesquisador de deslocar o seu olhar da categoria temporal da história para outra perspectiva, para outro ângulo de visão, com coordenadas mais espaciais que agrupem redes, que acoplem complementos e suplementos. São muitos os caminhos, temos o mapa nas mãos, mas não se desenhou o roteiro, ou melhor, as melhores rotas, para se dar conta de tudo que ficou pelo meio do caminho ou foi excluído ou apagado pela Modernidade. Onde se quer chegar, ainda não vislumbro.

É neste espaço híbrido entre o temporal e o espacial, de uma travessia, em alto mar, que vou tentar refletir o que se tem (os mapas) para se tentar, se é possível, configurar roteiro(s).

Também no título do nosso simpósio há indicações desse lugar, que é um não- lugar (desafios e permanências), o que sugeriu a segunda parte do título da minha comunicação (resíduos e desafios): a idéia das dificuldades de se produzir um outro discurso, já que se está no meio da travessia.

Ainda não se deixou de lado, totalmente, o sistema de pensamento e conhecimento taxionômico da Modernidade. Em tempos de negociações, não de combate, creio que ainda não dá para visualizar qual ou quais o(s) roteiro(s) que se deseja delinear ou escolher como caminho ou porto e como, ao fim, ele vai ser designado. Em outras palavras, não tenho idéia de como será designada essa narrativa que ainda é nomeada - *história da literatura* nem mesmo atento para as "marcas" que irão nortear essa narrativa.

Mas se ainda não foi nomeada, pode-se ter idéia do esboço de roteiro a partir dos mapas que se desenham desde 1980, mais precisamente.

Já se começou a observar e preencher o que falta, o que ficou de fora, o que não teve classificação de pertencimento. Por outro lado, já temos o esboço do mapeamento das lacunas que vêm sendo preenchidas, paulatinamente, umas mais rapidamente do que outras, embora ainda não dê para observar com clareza o cenário do novo porto a que se quer chegar.

E é dentro dessa situação temporal e espacial que venho aqui trazer um balanço dos mapeamentos.

## MAPAS

Não pretendo oferecer a solução para uma questão tão desafiante como a que se nos apresenta: a proposta de uma história da literatura brasileira que dê conta de todos os discursos simultâneos que ficaram de fora da narrativa da história da literatura brasileira, pois ainda estão pouco esboçados, na minha opinião. Vejo ainda caminhos penumbrosos e muito ainda a percorrer, a compreender e a ressignificar. Mas, creio que vale a pena criar um espaço para refletir sobre o que já se mapeou.

Para iniciar, tem-se que levar em conta os estudos que retomam a fundação da nação e da história da literatura no seu começo, porque eles investigam as redes de poder que aí foram engendradas. Também estão em bom andamento os mapeamentos das exclusões, não só de identidades como de gênero, de etnia e de outras minorias, bem como já aparecem estudos sobre culturas ou expressões e representações culturais específicas que se desenham no grande espaço do país, sem se perder de vista, ainda, as articulações com os discursos pós-coloniais. Começa-se a fazer as devidas articulações, tomando-se ou se apropriando das teorias provenientes da América Latina, da África, do Oriente Médio e do Extremo Oriente (regiões semelhantes a nossa, seja pelas marcas étnicas, seja pela história de colonização e recolonização), teorias que dão base para investigações das lacunas que fizeram o furo da

Modernidade européia explicar e representar esse espaço multifacetado e diversificado que se chama *nação Brasil*.

Quero dizer com isso que já se conseguiu apreender o fio/rede da construção da história da literatura, tal como ela foi engendrada no século XIX: como apropriação do modelo eurocêntrico. Da mesma forma, já se conseguiu desconstruir, questionar e ressignificar os grandes feixes de redes que evidenciam as relações de poder e de interesse que se encontram embutidas na narrativa nacionalista da história da literatura oficial, bem como sua configuração a partir de um discurso hegemônico (dominante), modelado pela visão colonialista da época e por um interesse de inserção na cultura ocidental.

Já se explicou a missão assumida pelos escritores do século XIX, a de escrever sobre a diferença do Brasil, como a contraparte da literatura dos centros metropolitanos europeus, o que os levou a construir um imaginário sobre o índio, sobre a terra. Por outro lado e em contrapartida, começam a ser observadas e significadas as expressões e representações que se tornaram resistências locais e que, pelo modelo escolhido para representação narrativa da história literária, foram classificadas em categorias fronteiriças ou mesmo formas marginais (que foram expurgadas, apagadas) e que passam, agora, a conhecer um sentido.

De uma tentativa de história nacional unificada, de uma nação homogênea, passou-se a reconhecer as diferenças de representações e expressões culturais que formam o painel do modernismo, porém, ainda, essa variedade e diversidade é apropriada e simplificada pelo modelo ideológico da narrativa nacionalista. Portanto, apesar da diversidade de representações, a história oficial, inscrita nas histórias da literatura, ainda aprisiona tal diversidade como representação do universal e do local, não só hierarquizando e desqualificando o local, mas ainda deixando debaixo do tapete tudo aquilo que não se identificou com a ideologia subjacente à narrativa historiográfica eleita.

Já se desconstruiu muito essa tendência paradigmática da história oficial, já se tem a oferecer como resultado uma nação híbrida, heterogênea, em vez de um sistema orgânico e uniforme, mas considero ainda distante a afirmação de quais as tendências que terão possibilidade de encontrar seu nicho em uma história da literatura que não seja hierarquizadora e que contemple todas as vozes.

## OS MAPAS DESENHADOS

Na situação atual, tem-se conhecimento de que não se pode permanecer repetindo ou reiterando (acatando) nem os pressupostos do

paradigma das ciências naturais (instituído pela Modernidade) nem a teleologia inscrita na História, que se inscreve na história da literatura brasileira, na história oficial do país. Essa certeza advém até da própria publicação das histórias, pois as últimas foram publicadas na década de 70.<sup>2</sup>

Da mesma maneira, não se deve insistir no cânone construído, imposto, a partir das relações de poder e da ideologia nacionalista, que *desidentifica* a maioria das comunidades culturais que compõem este grande e multifacetado espaço geográfico que se denomina nação Brasil.

Há mais ou menos duas décadas que se pesquisa sobre essas questões nas universidades, partindo das inquietações e questionamentos dos critérios do paradigma da Modernidade. Do mesmo modo, discutem-se o cânone, a construção/invenção da nação e do nacionalismo, assim como se vem trabalhando, verticalmente, em estudos de desentranhamento dos contra-discursos dos colonizados que estão embutidos nas lacunas dos constructos discursivos dos colonizadores. Outras pesquisas voltaram-se para a revisão de escritores (que ficaram marginais à história oficial) ou que se produziram a partir de um lugar não instituído seja por sua etnia ou seja por gênero. Todas essas pesquisas precisam ser reunidas, para se poder pensar e desenhar esse novo e intrincado roteiro das expressões culturais.

Precisa-se, ainda, perceber a função de gêneros literários ou textos escritos que foram postos à margem e sua inserção no novo desenho.

O que quero afirmar é que estamos diante de um momento em que temos de pensar/inventar como deverá ser escrita a narrativa que contemple o mapeamento já realizado a partir dessas novas perspectivas, deixando de lado o discurso unilateral, linear e teleológico, espaço em que só é possível se inscrever a voz ou as vozes de escritores que seguiram o modelo eleito (financiado pelo poder do século XIX) pelas classes não tão hegemônicas do país. Só este enunciado já mostra ou explicita as ambigüidades sobre as quais tal *história* se fundamentou, se fundou ou foi inventada.

## ROTEIRO(S)

Por tudo dito acima, pode-se perceber que não tenho a varinha mágica para resolver a complexidade dos problemas das expressões culturais escritas (pelo menos) em um espaço geográfico extenso do país, tão variado no tempo e no espaço (historicamente), quando se trata da hibridização de culturas que convivem em atrito ou da multiplicidade de expressões culturais regionais/locais, dentro dos mesmos espaços

geográficos e que, às vezes, se articulam com representações e expressões orais.

Somos um espaço geográfico colonizado, que recebeu um discurso e uma língua de outro lugar (a metrópole), reiterados pelo discurso cientificista do imperialismo central, instaurado no século XIX, e que levou muito tempo para se compreender que tal paradigma não dava conta do que aqui havia se desenvolvido.

Está claro, atualmente, que houve um grande esforço do habitante da terra para quebrar e preencher as lacunas desse discurso dominante com seus contra-discursos, que aparecem sutilmente, complementando, suplementando, enfatizando ou questionando a leitura imperial. Em outros momentos, aparecem discursos que irrompem com força radical, embora em ambas as situações se tome o discurso dominante como ponto de apoio, o que os empurrou para fora, para as margens. E aqueles que ignoraram as diretrizes de teor ideológico que construiu o país, ora se expressando em textos orais (quando a regra era a escrita) ou outros que, ao utilizar a palavra escrita, partiram de um outro lugar diferente do lugar do discurso dominante, todos expressam a diversidade espacial e a convivência dessas representações.

Vejo uma tarefa difícil para uma única pessoa, porém não tanto para um grupo que se empenhe em dar um formato pelo menos instigante, contemplando todas as situações e posições localizadas, tomando a proposta da simultaneidade de idéias de Foucault, pois tais discursos sempre existiram (como se pode identificar na vida literária da Bahia ou do Rio Grande do Sul).

No entanto ainda não descobri como dar conta de toda essa variedade e diversidade a ser escrita em um livro.

Em primeiro lugar, me vem a idéia de um hipertexto, com várias entradas, tendo como eixo da narrativa as linhagens ou então as famílias de interesses, sejam temáticas, sejam por discursos e contra-discursos, atravessados pelas diferenças espaciais e temporais, ou pelas categorias do discurso – de que lugar se fala, para quem fala, o que fala. Em segundo lugar, penso em discursos simultâneos, inserindo os discursos marginais, o cotidiano e os contra-discursos, além das categorias analíticas de gênero, segmento social, classe, etnia, geração.

Da maneira como vejo esse mapeamento, para que dê conta da complexidade geográfica-espacial, assumindo as diferenças, os vários discursos e as manifestações que se fazem em simultaneidade deveria assumir a forma de uma narrativa em linguagem digital, pois, em um CD-Rom, em um hipertexto, nenhum enfoque viria a ser o mais importante, o fio condutor.

Mas sempre se pensa em uma narrativa escrita e aí entramos EM UMA COMPLEXA SITUAÇÃO. A narrativa EM LIVRO, em geral, linear, SEQÜENCIADA, e neste caso, como resolver tanta complexidade?

Jogo minhas inquietações para este grupo, à espera de uma saída, ou melhor, de se pensar em um roteiro.

---

1 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. s.v.

2 Não estou levando em conta o livro de José Aderaldo Castello, A literatura brasileira, lançado em 1999, nem a tradução da História, da italiana brasilianista Luciana Picchio.